

Você conhece o Amor?

por Mike George *

Há quatro confusões comuns a respeito do AMOR, que a maioria de nós assimila desde jovem. Elas são inocentemente passadas de geração em geração, reforçadas e ampliadas por Hollywood, em particular, e pelo marketing em geral. São construídas na nossa linguagem e na nossa cultura e, mesmo assim, só nos servem para nos afastar do amor, pois criam stress dentro de nós e conflito nos nossos relacionamentos.

1. O Amor é confundido com DESEJO

Quando você vai ao cinema e assiste à clássica história de amor, normalmente, há um momento em que ele diz para ela, “Querida, eu te amo”. Mas o que ele realmente quer dizer é “Eu quero você. Eu quero estar com você. Eu quero que você seja minha... essa noite!”. E, é claro, ela retribui com um “Eu também te amo” que, normalmente, significa, “Eu tenho você!” Mas o amor verdadeiro não deseja ou possui. O amor verdadeiro não quer nada. Amor autêntico já é completo e a sua única intenção é conectar e doar, não obter.

2. O Amor é confundido com APEGO

Quando dizemos, “Eu amo meu time de futebol, ou eu amo meu carro, ou eu amo meu jardim”, isso não é amor. O que realmente queremos dizer é, “Eu sou apegado ao meu time de futebol, eu sou apegado ao meu carro”. E amor não é apego, pela simples razão de que todo apego causa medo e o medo, neste mundo dualista, é o oposto de amor. O medo é o amor distorcido pelo apego.

3. O Amor é confundido com DEPENDÊNCIA

Quando dizemos, “Eu amo cocaína. Eu amo tomar café de manhã. Eu amo a comida que eles servem”... isso confunde amor com dependência. O amor não é dependente de nada. Na verdade, nós estamos dizendo que essas coisas nos deixam felizes. Elas parecem fazer isso, mas não é uma “felicidade autêntica”, apenas um estímulo temporário ou um alívio a algum sofrimento.

4. O Amor é confundido com IDENTIFICAÇÃO

É muito comum as pessoas dizerem, “Eu amo a minha nação, eu amo o meu país”. Novamente, isso não é amor, é identificação. Estamos nos identificando com nossa nacionalidade, o que, em si, é um equívoco. O eu não tem nacionalidade. O amor não se identifica com nada que não seja ele mesmo, o que implica em tudo! Tão logo nos identificamos com algo que não somos, nasce o ego, surge o sofrimento e o amor se torna impossível.

São essas ilusões que nos mantêm em busca do amor. Nessa busca, nós procuraremos em cada canto do mundo. Nós buscamos o amor como aceitação e aprovação nos inúmeros relacionamentos que temos. Desejamos o amor ideal na ficção do romance perfeito. Esperamos encontrar amor no que fazemos, no que adquirimos e até nos lugares onde vamos. Há sempre satisfações temporárias nesses caminhos, mas a decepção também é inevitável, até que nos damos conta de que esses caminhos não têm saída.

Leva algum tempo para percebermos que a joia na coroa do espírito humano não pode ser encontrada em outro lugar senão no nosso próprio coração. Ela esteve, está e sempre estará lá, ou melhor, “aqui”!

Procurar por amor é se esquivar dele. E, contudo, como podemos saber disso, quando o hábito de procurar é tão intenso e, de muitas maneiras, um conforto ilegítimo em si? Como poderemos conhecer o amor, quando continuamos a acreditar, erroneamente, que precisamos adquiri-lo, ganhá-lo, ou mesmo vencê-lo? Intuitivamente, nós sabemos que, somente abrindo o nosso coração e entregando o nosso eu incondicionalmente, o amor pode começar a fluir para dentro e através da nossa vida.

O amor somente é sentido com atos de generosidade altruísta, perdão incondicional e compaixão ilimitada. Somente com a intenção de beneficiar “o outro” antes de mim mesmo, o amor se torna real e verdadeiro. E, contudo, mesmo isso somente é possível quando não se trata de um ato deliberado, quando o motivo é inocente. A motivação “para amar” não é amor, pois o amor não precisa de motivo.

É a satisfação de toda a necessidade. Quando o amor se realiza, não há necessidades. Na “realidade”, nunca houve.

Somente quando somos capazes de acabar com o querer, tomar, conservar e até mesmo dar em “nome” do amor, a joia na coroa é capaz de brilhar novamente. E, quando a sua luz é vista, ela se revela no lugar onde não pode ser buscada e de onde nunca pode sair, que é *aqui*, e no único momento em que pode existir, que é *agora*.

Nesse momento, todos os mitos acumulados sobre o amor desaparecem. Nesse momento, as palavras mais usadas nos relacionamentos humanos, “Eu amo você”, se transformam de uma ilusão em algo mais próximo da verdade, “Eu sou amor para você”. E então, dentro da mais profunda verdade que palavras são ineficientes para descrever, “Eu sou o amor”.

E então, no entendimento final, livre da necessidade de descrever, livre de todos os conceitos, simplesmente, “Eu sou.”

E, mesmo depois, além do entendimento, dentro do “silêncio do ser”, um silêncio que tanto abraça quanto comanda a tudo e todos.

Tal é a natureza do amor.

É o que “eu sou” e é o que “você é”.

É.

Extraído e adaptado do livro:

Os 7 Mitos sobre o Amor... De Verdade!
A Jornada da sua Cabeça ao Coração da sua Alma

* Mike George

Membro da Brahma Kumaris no Reino Unido e autor de diversos livros.

Para mais informações, visite <http://www.relax7.com/welcome.htm>